DISTRITO DE BRAGANÇA

O PPD/PSD ESTEVE SEMPRE PRESENTE NOS MOMENTOS DECISIVOS

Comemoram-se 40 anos de vida do PPD/PSD. O Partido nasceu a 6 de Maio de 1974 e, a partir dessa data, marcou a sociedade portuguesa, liderou reformas e mudanças e antecipou as transformações sociais.

O PPD/PSD desempenhou um papel decisivo na consolidação da democracia no nosso País e tornou-se determinante na construção de uma sociedade mais justa, mais solidária e mais coesa.

Neste seu percurso histórico - 40 anos - o PPD/PSD esteve sempre presente nos momentos decisivos desde as reformas na Saúde, na Segurança Social, na Agricultura, na Educação, no Ambiente e nas Relações Internacionais. Basta lembrar a sua luta mais recente pela recuperação de um País que se encontrava à beira da falência.

No Distrito de Bragança, podemos afirmar que a sua maior marca foi o desenvolvimento e progresso realizados pelo poder local, quer a nível de equipamentos e infra-estruturas, quer a nível de coesão social.

No nosso Distrito, o PPD/PSD confunde-se com os homens bons das nossas aldeias, vilas e cidades e com os jovens e as mulheres empreendedoras e solidárias.

Vivam os nossos fundadores no distrito de Bragança e todos os nossos militantes e simpatizantes que, ao longo destes 40 anos, consolidaram e fortaleceram o Partido para poder alcançar o grande número de vitórias eleitorais em eleições autárquicas, europeias, legislativas e presidenciais!

BEM HAJAM TODOS!

Jose Maria Lopes Silvano

O Presidente da CPD/PSD Braganca

LINHAS PARA UM PROGRAMA (06/05/74)
(síntese)

A Comissão Organizadora do Partido Popular Democrático, depois de reunir com pessoas de várias regiões do País interessadas no seu desígnio inicial, elaborou um primeiro esboço de linhas para um Programa que defenirão a sua acção.

- A Democratização do País em bases realistas e irreversíveis é tarefa prioritária, evitando que a queda de uma ditadura operada pelo MFA possa transformar-se...
- Tal implica não só a adesão activa do Programa do MFA como a clara definição de opções, principalmente nos sectores económico-sociais...
- A concepção e execução dum projecto socialista viável em Portugal, hoje, exige a escolha dos caminhos justos e equilibrados duma social-democracia...
- Esta visão social-democrata da vida económica-social requer necessariamente:

  . Planificação e organização da economia com participação de todos os interessados..., tendo como objectivo:

  . Desenvolvimento económico acelerado;

  . Satisfação das necessidades individuais e colectivas (alimentação, habitação, educação, saúde e segurança social);

  . Justa distribuição do rendimento nacional;

  . Predomínio do interesse público sobre os interesses privados...

  . Todo o sector público da economia deve ser democraticamente administrado e controlado por um órgão representativo, separado do Governo, a quem incumbirá a superintendência de toda a actividade do Estado...

  . A liberdade de trabalho e de empresa e a propriedade privada serão sempre garantidas...

  . A liberdade sindical, o direito à greve, a participação, fiscalização e cogestão das empresas por parte dos trabalhadores...

  . A adopção de medidas de justiça social...com vista à correcção das desigualdades.

  . Eliminação do absentismo no sector agrário e o desenvolvimento

da empresa agrícola, apoiada pelo crédito, e uma intervenção activa na comercialização e industrialização dos produtos.

. Consideração do trabalhador como sujeito e não como objecto de qualquer actividade...

- Governo estável, democraticamente controlado, com rejeição de fórmulas de parlamentarismo puro...
- A democratização da vida regional e local e a descentralização das estruturas de Poder são consideradas condições basilares para a integral vigência da ideia democrática.
- A abolição da ditadura em todas as sua formas, impõe o saneamento da vida política, económica e administrativa pelo julgamento dos crimes constitucionais de responsabilidade, de corrupção, contra a saúde pública e os consumidores e, dum modo geral, contra a vida económica nacional, bem como dos abusos de poder.
- A real independência do poder judicial perante os poderes político e económico...
- O estado separado de todas as confissões religiosas...
- A reformulação do poder da mulher na sociedade portuguesa...
- A educação e a formação como fundamento e garantia de liberdade e responsabilidade...
- Cada comunidade social, política e culturalmente diferenciada tem o direito inalienável de dispor do seu próprio destino...

As bases aqui estabelecidas, que parecem abordar os problemas mais importantes do momento serão concretizadas através de programas sectoriais, englobando um conjunto de medidas viáveis e eficazes e que se enquadrarão no conjunto de princípios a formular pelo P.P.D.

Estas constituem ponto de convergência de um vasto grupo de opiniões, a que a Comissão Organizadora dará proximamente estruturação adequada, fazendo cessar a actividade daquilo a que convencionou chamar-se "ala liberal" e seus prolongamentos, pelo nascimento de um Partido de orientação social-democrata.

A Comissão Organizadora

Francisco Sá Carneiro
Joaquim Magalhães Mota
Francisco Pinto Balsemão

SOBRE O PPD, EM BRAGANÇA, NO ABRIL DE 74

Júlio Carvalho

O Distrito de Bragança não era, antes de Abril de 1974, diferente dos outros.

Em qualquer cidade, vila ou lugarejo se conspirava contra o regime.

Cansados, uns pareciam resignar-se a viver no sofrimento; sempre iam sonhando, contudo, que a fuga, nem que fosse a salto, lhes daria, talvez, a felicidade que aqui escapava.

Cansados, outros habituaram-se à rotina dum quotidiano humilde de funcionário sem perspectiva e sem futuro, forçados a aceitar a submissão e o jugo do chefe arbitrário, prepotente, cuja autoridade só lhe advinha da sua filiação na A.N.P, monopolista da política do país.

Cansados, outros iam convivendo com esta situação, exibindo, graças à sua favorável situação financeira, uma moderada, mas pública, crítica, à falta de liberdade, ao favorecimento político, à plutocracia reinante, ao corporativismo caduco, às prisões arbitrárias...

Cansados e saturados, alguns, embora poucos, já iam convivendo com clandestinos folhetos de inspiração marxista, elogiando o comunismo, e escutando a Rádio Argel, ou a BBC, para auto-satisfação e exibição com os amigos, sem passar disso.

Cansados, mas conscientes de necessária mudança, alguns, fundadamente, conspiravam contra o regime, a quem apodavam de perverso, corrupto, prepotente, incompetente, fazendo-o em grupos restritos, nas Escolas, nos cafés, no trabalho, em tertúlias, com o cuidado, porém, de serem minimamente avisados e atentos,

não fosse a PIDE-DGS empurrá-los para algum calabouço do regime, porque até dos cadernos dela já constavam.

Em Bragança, nós e outros, lá íamos conspirando como podíamos. Pessoalmente, no Liceu, como professor de Literatura, ia lançando a semente do descontentamento, recorrendo à análise sociológica da obra literária. Vendo-a como **"o homem e a sua circunstância"**, isto é, o homem e tudo aquilo que o rodeia - uma visão da realidade e das aspirações humanas - já ousava adoptar, contra a vontade do regime, a "Históra da Literatura Portuguesa", de António Jose Saraiva e Óscar Lopes, sem deixar de fazer uma referência intencional, sempre que oportuna, à visão da obra literária do grande pensador húngaro Georg Lukács, como pioneiro na aplicação sistemática do materialismo histórico ao domínio estético, com a sua obra" Teoria do Romance", ou a um dos seus discípulos, Lucien Goldmann.

Em pleno centro da Cidade de Bragança, na **Livraria Cristal,** funcionava, com a cumplicidade dos seus proprietários, António Reis e Álvaro Pereira, uma típica tertúlia conspirativa. Sem hora marcada e amigos certos, os que aspiravam a uma vida nova lá apareciam depois da 17:30 horas. Normalmente, levavam, para dar ou partilhar, algo de novo: ou um artigo mordaz da Seara Nova, ou uma notícia escaldante da BBC, ou um artigo crítico do Jornal do Fundão, ou um novo livro dum escritor neo-realista (Soeiro Pereira Gomes, Fernando Namora, Cardoso Pires, Manuel da Fonseca, Alves Redol, etc.) ou um mordente "cartoon" do famoso cartoonista José Vilhena, várias vezes detido pela PIDE, ou um texto que fizesse a apologia da social-democracia - o ideal de sociedade para nós - ou uma intervenção crítica de Francisco Sá Carneiro, Pinto Balsemão ou Magalhaes Mota na Assembleia Nacional, mas da ala liberal. Tudo nos servia para exaltar o direito inalienável de liberdade de expressão.

Vivíamos esses momentos sem medo. Nem fugíamos às normais consequências. Em 1972, convidado para orador numa exposição itinerante da obra de Alves Redol, no Ciclo Preparatório, fui avisado de possíveis e indesejáveis consequências, já que qualquer

abordagem da sua obra não podia omitir uma dissecação sobre a sua crítica às desigualdades sociais onde a acção se passava. Segundo um dos meus companheiros de tertúlia, o pai dum então aluno meu, cuja identidade nunca me revelou, terá evitado essa tal indesejável consequência para que, de resto, estava preparado.

Mas a maior originalidade desta tertúlia era o desejo permanente sentido por todos em ver aparecer um deputado da nação, médico-oftalmologista e amigo comum. Levava, quando aparecia, tanta "chumbada" na alma, como ele dizia, dos "caçadores-atiradores" presentes, que chegou a confessar ter vontade de ser "atirador" como nós.

O deputado da nação já não teve tempo de virar "caçador" como nós. Dias depois, já nós festejávamos a Revolução de Abril. O peso dos "chumbos" que albergava, pelo que me foi dado saber, ajudaram a que se vergasse, em família e com os "irmãozinhos" da cidade, à alegria e justeza da vitória.

A nossa tertúlia, a partir desta data, mudou de rumo e estratégia. A isso nos obrigou a fúria do MDP, que ultrapassou a sempre pronta intervenção do PCP, acabado de sair da clandestinidade.

Estávamos preplexos com tanta fúria, alguma vinda, até, de figuras que, até então, eram vistas como gradas do regime acabado de cair, participando, até - pasme-se - na elaboração de listas a submeter a algum "comité" para saneamentos políticos.

Foi neste ambiente que, em Bragança, como, de resto, em todo o país, se impôs ao grupo mostrar também o seu "fervor revolucionário", escudado no respeito pela lei, pelos valores da liberdade, da democracia e pelos outros. Por formação, por crença, por convicção, tínhamos que lutar por uma sociedade à imagem da que vigorava na Suécia: a social-democracia.

Intérpretes deste modelo de sociedade, só se esperava a criação dum Partido que estivesse enformado desta ideologia.

Como resposta a esse anseio, já tinhamos iniciado a discussão do texto de divulgação da constituição desse partido: o Partido Popular Democrático - impedido de adoptar a denomiação pretendida por, entretanto, haver sido constituído o Partido Cristão

Social Democrata.

Este texto, divulgado em 7 de Maio de 1974 por Francisco Sá Carneiro, Joaquim Magalhães Mota e Francisco Pinto Balsemão, consagrava as linhas para um programa donde se realça que para "**a concepção e execução dum projecto socialista viável em Portugal, hoje, exige a escolha dos caminhos justos e equilibrados duma social democracia, em que possam coexistir, na solidariedade, os ideiais de liberdade e de igualdade".**

Tais linhas para um programa assentavam-nos como uma luva, sendo oportuno realçar algumas das orientações aí consignadas:

- Desenvolvimento económico acelerado;
- Satisfação das necessidades individuais e colectivas (alimentação, habitação, educação, saúde e segurança social);
- Justa distribuição do rendimento nacional;
- Sistema de imposto incidindo sobre a fortuna pessoal preferentemente ao rendimento de trabalho com vista à correcção das desigualdades;
- A democratização da vida regional e local e a descentralização das estruturas de poder, consideradas condições basilares para a integral vigência da ideia democrática.

Coincidentemente, fui convidado para colaborar na implementação do Partido no Distrito.

Chamado a Vila Real pelo Eng. Fernando Alburquerque, Presidente da Fundação da Casa Mateus, onde me desloquei acompanhado pelo António Reis, foi-me entregue a respectiva credencial.

Com o mesmo fervor revolucionário, de imediato nos instalámos à Rua Direita, nº 205, com entrada pela Praça do Mercado, em prédio que era propriedade do já referido ex-deputado da ANP, Dr. Moreira Pires, cedência esta que poderia ter como objectivo, como

foi comentado, então, com algum humor pelo meio, garantir a integridade deste prédio pela acção e respeito que o PPD impunha.

Os primeiros contactos para a primeira reunião nesta sede vieram dos encontros que mantínhamos na Livraria Cristal.

Consultado, recentemente, o Partido no sentido de relatar com rigor o então sucedido, verifiquei, com mágoa, que nada existe de escrito. Por incrível que pareça, não existem actas, textos, documentos ou quaisquer outros elementos que marcaram a vida do Partido durante 40 anos.

Será legítimo concluir que há interesse que o Partido não tenha memória?

Perdoem-me aqueles que, eventualmente, não constem da lista dos seguintes presentes nessa reunião, e que só a nossa memória nos facultou:

- António Reis
- Álvaro Pereira
- Álvaro das Neves
- Pe. Gil Pereira
- Pires de Carvalho
- Júlio Vinhas
- Valdemar Correia
- Valdemar Barreira
- Marcelino de Castro
- Jaime Sousa
- Manuel Alves
- Manuel Reis
- Domingues Pires
- Júlio Carvalho

Depois de, entre palmas, jurarmos, informalmente, a nossa adesão aos ideiais da social-democracia, decidimos, em início de Maio de 1974, preencher os respetivos boletins de Incrição no Partido, para que estava mandatado

Por simpatia dos meus companheiros, foi-me dado o privilégio

de ser o número 1 do Distrito, só aparecendo, posteriormente, como número 2, por erro de Lisboa, segundo informação então prestada.

Ora, "de minimis non curat praetor". Outros valores nos moviam. O que importava, agora, era implantar o Partido em todos os concelhos do Distrito e no meio rural e divulgar a sua ideologia e bases programáticas.

Funcionou o Partido, assim, durante meses, com sucesso e sem conflitos de interesse, em verdadeira autogestão - processo, de resto, que não era estranho à prática social-democrata - enfrentando, sem tibiez, as agressões do MDP E PCP, o que nos obrigou, no Verão quente, a participar, armados, durante a noite, na defesa contra a agressão programada pelos SUV (Soldados Unidos Vencerão). Os que não tinham armas, assim ficou decidido em reunão do Partido, levariam motosserras para, em caso de invasão de Trás-os- Montes por esses soldados, se cortarem todas as árvores que impedissem a sua movimentação rodoviária. E lá estivemos, sem qualquer outro objectivo que não fosse a defesa dum ideal e da liberdade conquistada, mas ameaçada.

O Partido, e o país, gratos estão a um grande militar, o Major Joaquim Albuquerque, Comandante, então, do Batalhão de Bragança, que não só tinha conhecimento destas acções como sempre nos manifestou incondicional apoio.

Tínhamos consciência de que a situação não era fácil. O Partido Comunista e o MDP dominavam as instituições mais representativas do Distrito. Até a imprensa local se mostrava indiferente à nossa causa, e bem se sabia porquê.

Enquanto nos movimentávamos, com o apoio de outros militantes e simpatizantes entretanto chegados ao Partido, organizámos a JSD , onde, além de outros, tiveram papel determinante, em todas as Escolas do Distrito, os então meus alunos do Liceu Álvaro Vaz, António dos Santos Pires Afonso, António Augusto Gonçalves, António Carlos Gonçalves (TÓ-CÁ) e o irmão Nando. Lutadores incansáveis, foram autênticos heróis a espalhar a doutrina social - democrata, facto que fez tremer e recuar a esquerda intransigente,

intolerante e radical. Ao recém-chegado ao Partido, Eleutério Alves, entusiasmado com a acção do Partido, foi dada carta branca para acompanhar a JSD, que chegou a merecer do Dr. Sá Carneiro, publicamente, o elogio da mais bem organizada JSD do país. Nem foi por acaso que o Eleutério foi merecedor da nossa escolha para integrar a lista de deputados à Assembleia Constituinte, de que faziam parte Jorge Sá Borges e Manuel Costa Andrade, que sempre estiveram presentes em Bragança quando chamados.

Inteligentemente, e antes de consolidada, a JSD soube aproveitar a audácia e irreverência do MRPP, mantendo com este movimento uma relação próxima, que ficava grato sempre que a JSD lhe entregava, para propaganda, algum comunicado contra os que eles apodavam de sociais fascistas e que eles tanto detestavam, ou quando os ajudávamos na elaboração dos seus comunicados e lhe fornecíamos estêncil, onde escreviam ou dactilografavam a mensagem, e o mimeógrafo e papel para as cópias que pretendiam.

Como era belo, vê-los então, em sessões de esclarecimento, defender, com alma, com ardor, sem medo, a social-democracia para Portugal, condição essencial para fazer deste um país livre, novo, justo, onde o Homem seja o centro de tudo, com repúdio pelo capitalismo selvagem e pelo comunismo que então por aí se apregoava!...

Entretanto, corríamos o Distrito para implantar o Partido, o que foi conseguido fruto do empenho de todos, com alguns dissabores pelo meio.

Recordo, a propósito, uma cena passada em Freixo-de-Espada-à-Cinta. Tinha eu, nesta vila, então, um muito estimado amigo, o Pe.Valentim Garcia. Sendo eu professor de Literatura no Liceu de Bragança, era frequentemente contactado por aquele reverendo sacerdote, Director dum conceituado Colégio sediado naquela vila, que me questionava sobre novos métodos de análise literária e ensino do português. Nunca me furtei a tal, sempre lhe dando o melhor que sabia e havia aprendido com a licenciatura em Filologia Românica. A organização do Partido, naquele concelho, era assunto garantido, e bem, com aquele amigo - pensava eu. Numa tarde

de domingo, quando me deslocava a Coimbra, onde frequentava o curso de Direito, passei pela vila de Freixo e bati à porta do gabinete do Pe. Valentim. Estava eu já a vê-lo com a sua habitual gentileza e efusivo contentamento por ver-me. Estranho, porém, já foi o tempo que me fez esperar para me receber!.. Não era esse o tratamento habitual!... Mais estranho, ainda, foi a forma como me recebeu. Mandado entrar por uma "religiosa", nem sequer se levantou da cadeira para me cumprimentar. Tinha eu, porém, uma missão a cumprir e, dirigindo-me a ele, cordialmente, disse-lhe:

– Sr. Pe. Valentim, deve saber que estou a implantar o PPD no Distrito de Bragança. Trata-se dum Partido com vocação humanista, de ideologia social-democrata com sucessos garantidos na Suécia e Alemanha...

– Sr. Dr Júlio - interropmpeu-me o Pe. Valentim - agradecia que não continuasse. Tinha-o como um homem inteligente e progressista e vejo que não passa dum reles reaccionário.

– Desculpe, Pe. Valentim, tê-lo incomodado - respondi-lhe eu com alguma insincera serenidade. Também não vejo interesse em dialogar com alguém que perdeu lucidez e boas maneiras. Boa tarde!

Decorridos alguns anos, o Pe. Valentim justificou a sua conduta.

Continuo a pensar, todavia, que foi um grande homem.

Esta cena, obviamente, em nada fez esmorecer a nossa determinação. Em pouco tempo tínhamos comissões políticas em todos os concelhos. Recordo, com satisfação, os ainda vivos e presto sincera homenagem aos muitos já falecidos. Perdoem-me os que, eventualmente e por falibilidade da memória, não menciono:

Alfândega da Fé:

- Armando Augusto Almeida
- António dos Santos Rodrigues
- José Almendra
- Joaquim Abreu
- António de Jesus Pacheco

Carrazeda de Ansiães:

- Manuel Maria Moura Magalhães
- Paulo Ferreira
- Fernanda Paulo Sampaio Fernandes
- Aníbal Tito dos Reis
- António Luís Quinteiro
- Maria Gabriela Gonçalves
- Jorge Fernando Teixeira
- António Teixeira

Freixo-de- Espada-à Cinta:

- Maurício Sapage
- Pompílio Oliveira
- António Garcia
- Armando da Assunção

Macedo de Cavaleiros:

- Henrique José Martins
- Manuel Bento
- João Afonso Gonçalves
- Luís Gonçalves
- João Lopes

Miranda do Douro:

- José Raposo
- António José Grande
- Manuel Granjo
- Francisco Rodrigues
- António Gonçalves Viana
- Prof. Almendra
- Manuel Preto
- Joaquim Almeida
- Fernando Palhau

Mirandela:

- Toni Alves
- Mândio Alves
- Marcelo Lago
- José Ribeiro
- Rook de Lima
- João Belchior
- Viriato Vale
- Fernando Garimpo
- Albérico Lopes

Mogadouro:

- Manuel Maria Pires
- Fernando José Ferreira
- Alberto Jesus Calejo Pires

Moncorvo:

- Manuel Ribeiro
- João Francisco Paçó
- José Manuel Teixeira

Vila Flor:

- Alfredo Travessa Ramalho
- Francisco Muller Guerra
- Francisco Silva

Vimioso:

- Moisés do Nascimento Xavier
- José Rodrigues Diz
- José Fernando Oliveira (Conde)
- Chico Santos
- António Amador
- Serafim do Rosário
- Francisco Jesus Alexandre

Vinhais:

- José Augusto Pinheiro
- Virgílio do Vale
- Moisés Alves
- Viriato Emílio
- António M.Rodrigues
- José Manuel Moreira
- Firmino Lourenço

Uma outra preocupação nossa foi a implementação do Partido no meio rural. Para isso, criaram-se secções a nível de freguesia e aí nos deslocávamos com frequência para sessões de esclarecimento. Tais acções traziam perturbados o PCP e o MDP, os quais algumas vezes tentaram boicotar, embora sem sucesso. Imemorável foi a cena passada num ginásio de Vila Flor, onde decorria uma sessão de esclarecimento, totalmente cheio, com a presença dum Engenheiro Agrónomo que, a nosso convite, e com o apoio do coordenador regional do Partido, Engº. Fernando Albuquerque, percorreu, durante muitos dias, todo o Distrito. A oposição, dominada pela LUAR - que só aí tinha implantação - ao sentir que não conseguia boicotar a sessão, manda projectar uma pedra, de cerca de 5 quilos, e duma altura de cerca de 10 metros, sobre o telhado de zinco do ginásio. Parecia uma bomba de grande potência, que tudo destruía. Nem isso nos fez calar, dando-nos a gritar, no meio da confusão, PPD! PPD! PPD. Coisa para nunca mais esquecer.

A nível de Bragança, seria injusto não citar, pelo menos, quatro militantes que, a nível rural, muito fizeram pelo partido: O Raul Lopes, de Rio Frio, O Xavier, de Quintanilha, o Toninho Xavier, de Rebordãos, a Srª. Dª. Virgínia Madureira, de Alfaião.

O terror estava instalado por todo o país. Trás-os-Montes não fugia à regra.

O poder estava no MFA, no MDP/CDE e no PCP. O MFA instalou-se em Bragança, no Colégio S.João de Brito. No quartel de Bragança, tinha instalações próprias, onde nem o Comandante podia entrar.

Só obedecia ao COPCON. A sua missão era "aculturar" a população atrasada, pensava ele, de Trás-os-Montes. Sem formação, como ele dizia, o povo transmontano tinha que aprender a venerar Marx, o ideólogo do comunismo.

Percorreram o distrito em acções de formação. Os pseudo-doutrinários, conforme se descobriu, vestiam-se de militar, mas eram, na sua maioria, civis, não se coibindo de calçar alpercatas com a farda militar, o que até envergonhava a instituição e que permitia que alguém, por vezes em alta voz, em plena Praça da Sé, gritasse, em chacota, pelos "alpercatas", quando passavam. De tal maneira eram agressivos que ameçavam as populações com torturas e violências e, frequentemente, agrediam-nas verbalmente.

Nós, por trás, sem medo, lá estávamos com textos a denunciar a ditadura que eles apregoavam e a fazer a apologia da democracia que queríamos e a "profanar" esse culto a Marx. Muitas vezes se tiraram cópias de excertos de livros que, pela sua seriedade, não deixavam qualquer dúvida e que era oportuno distribuir. Recorda-se, a propósito, o " Arquipélago de Gulag ", de Alexandre Soljenitsine, prémio Nobel da Literatura em 1970, e o livro intitulado "A democracia socialista", de Roy Medvedev, que nós escolhemos, entre outros, no nosso apostolado em defesa da democracia e da liberdade.

Desafiando esse MFA e a operação conhecida por Maio/ Nordeste, recordo que, numa povoção de Miranda do Douro, creio que em Genísio, esses militares, numa sessão na escola local, insultaram os moradores, apodando-os de "burros", por não saberem cultivar, como eles entendiam, os seus lameiros.

Fomos nós informados, creio que pelo Francisco Rodrigues, de que, em consequência, a população estava disposta a enfrentar tais "doutrinários".

Pensado o assunto, foi aconselhado o seguinte: "essa gente não entende a linguagem humana". "A Linguagem deles é outra...por isso, cremos que a melhor solução é encher, antes da sessão iniciar, o recinto da escola com todos os jericos da povoação". Dito e feito. Por volta das 20:30 horas, apareceram os "aculturadores". Tinham

a recebê-los os jericos da aldeia. Mensagem descodificada! O MFA desapareceu! Remédio santo! Ainda bem que assim foi. Já não se tornou necessário recorrer ao plano B.

Mostrando-se servidores leais duma renovada ditadura, onde poderiam crescer, esses dinamizadores culturais, envolveram e engajaram neste processo o Zeca Afonso e Francisco Fanhais, contra a sua vontade, como o primeiro me contou, mercê de alguma amizade velha de Coimbra. De tal forma foi eficaz a acção do Partido que a voz destes dois grandes cantores de intervenção, e que até tínhamos em grande apreço, ou deixou de ser ouvida ou se tornou, pelo contexto, e só pelo contexto, cavernosa!...

A sede do CDS, na Praça da Sé, no centro da cidade, foi assaltada, em pleno dia, por essa esquerda intolerante.

Tínhamos consciência de que a sede do PPD, a uns 60/70 metros de distância, era um alvo apetecível. Já era do nosso conhecimento que vontade não lhes faltava. O Valdemar Barreira, o Manel Reis e o Álvaro das Neves, na minha presença, ainda os desafiaram. Parecia que estes - os estrategas do Partido em questões de segurança - estavam ansiosos de ver funcionar a máquina diabólica de defesa que haviam montado e concebido no Partido, não fosse o diabo tecê-las. Veja-se a imaginação desses estrategas. O acesso ao 1º. Andar do Partido era feito por umas escadas íngremes e estreitas com entrada pela Praça do Mercado. No cimo dessas escadas, montaram dois engenhos lança-chamas, alimentados por duas botijas de gás fornecidas pelo Álvaro das Neves. Os dois militantes que alternadamente aí dormiam, depressa aprenderam que, em caso de ataque, bastava acender os maçaricos e projectar as violentas chamas contra o inimigo, cujo efeito, era certo, não se quedaria por uma qualquer chamuscadela.

Tudo se desenrolou como queríamos. Basta atentar nos resultados, no Distrito de Bragança, das primeiras eleições livres com sufrágio universal realizadas em 25 de Abril de 1974.

	CDS	PCP	FSP	MOP	PPM	PS	PPD
Alfândega da Fé	603	157	63	86	35	1216	1659
Bragança	2792	598	391	1009	216	5757	7455
Carrazeda de Ansiães	992	129	103	251	59	1239	2795
Freixo de Espada à Cinta	332	145	56	173	60	1244	1193
Macedo de Cavaleiros	2144	274	179	191	96	2017	5481
Miranda do Douro	860	113	75	399	64	1655	1770
Mirandela	2256	489	191	425	128	3829	5530
Mogadouro	892	117	77	212	56	1479	5148
Torre de Moncorvo	977	218	137	217	131	2366	2977
Vila Flor	446	164	82	228	43	1428	1838
Vimioso	397	68	98	167	41	914	2476
Vinhais	862	232	130	291	88	1923	4790
TOTAL	13553	2704	1582	3647	1017	25067	43112

Eu, depois destas eleições, recolhi-me para acabar o curso de Direito, mas sempre desejoso de voltar, como voltei, a viver a vida do Partido. Ficaram coordenadores do Partido, creio, a nível Distrital e Concelhio, respectivamente, os médicos Pires de Carvalho e Ramiro Moreno.

Os factos que ocorreram em 1974, 1975 - e tão intensos eles foram - merecem do Partido um estudo mais profundo. Aqueles que viveram esses momentos, que sonhavam com o sossego e descanso merecidos e esperados da revolução, enganaram-se, já que se sentiram obrigados a manter-se de olho aberto, permanentemente, graças ao desenrolar inquietante da revolução.

Valeu a pena. Por vezes, lanço mão da minha pasta pessoal onde guardo alguns dos comunicados de 1974 e 1975. Alguns, vê-se claramente revelarem ainda alguma insegurança e timidez. Mas são, indiscutivelmente, politicamente notáveis para a época. Pena é não ter acesso a todos aqueles que passaram pelo tal mimeógrafo e que o Partido, sem justificação, não soube ou não quis guardar.

Bragança, 7 de Março de 2014

ORGÃOS DO PARTIDO EM 2015

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES

Comissão Política Distrital
Comissões de Secção
Júlio Carvalho
Eleutério Alves
António Afonso

Órgãos Distritais do PPD/PSD em 2015

COMISSÃO POLÍTICA DISTRITAL

José Maria Lopes Silvano
Luís Manuel Madureira Afonso
Maria José Moreno
António Joaquim Pimentel
Rui Pedro Machado
Jorge Fidalgo
Francisco Granjo
João Manuel Gonçalves
João Paulo Castanho
Miguel Abrunhosa Martins
Nuno Gonçalves
Paulo Jorge Almendra Xavier
Paulo Jorge Sousa
Manuel Emílio Morais Pereira (TSD)
Ricardo Miguel Afonso Pinto (JSD)

Mesa da Assembleia Distrital
Telmo José Moreno
Martinho Eduardo Nascimento
António dos Santos Pires Afonso
Amândio Acácio Pires

Conselho de Jurisdição Distrital
Júlio da Costa Carvalho
António Abrantes Pereira
Serafim dos Santos João
Fernando Nuno Bartolo Palhau
Maria Justina Martins Silvano
André Marcelino Ferreira
Filipe António Vinhais
Susana Costa

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE ALFÂNDEGA DA FÉ

Vitor José Neves Bebiano
António João F. Martins
Alexandre Neno Silva
Adriano Miguel Andrade
André Alexandre S. Monteiro
André Filipe Reis Mesquita
Nelson Alexandre P. Videira
André Luis Ricardo Olaio

Mesa da Assembleia de Secção
Susana Filipa Penarroias
Susana M. Damasceno Dias

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE BRAGANÇA

Hernâni Dinis Venâncio Dias
Luís Aníbal R. Martins
Susana A. Ferreira Taveira
Rui Fernando R. Correia
Anabela Anjos
Paulo Hermenegildo C. João

Manuel Emílio Morais Pereira
Maria Rosa G. Pires
Armando José Pereira
Susana Costa
Vasco Cadavez
Carlos Martiniano

Mesa da Assembleia de Secção
António Jorge Nunes
Alcino António Afonso Pilão

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE CARRAZEDA DE ANSIÃES

João Manuel S. L. Gonçalves
Rui Castro Martins
Roberto Carlos Sampaio Lopes
António Manuel Santos Pinto
Fernanda Caires Cardoso
Luis Telmo Pereira Ramires
Manuel Aníbal Meireles
Mário Pereira Gonçalves
Ricardo Filipe Carvalho
Adalgisa Barata

Mesa da Assembleia de Secção
José Luis Correia
Fernanda Natália L. Pereira

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

Ivo André Quintas
Ulisses Jorge Caravau
Ricardo José Sapage Madeira

Fernando Octávio Nogueira
Manuel Augusto Vicente
Raquel Beatriz Soares Silva
João Pedro Mesquita Pinto
Patrícia Maria Cardoso Lopes
Maria Elisa
Júlia Manso Pintado

Mesa da Assembleia de Secção
António Eduardo J. Morgado
Mauro André Brito G. Dias

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE MACEDO DE CAVALEIROS

Luís Manuel Dias Gonçalves
Maria Helena Lopes Gonçalves
Paulo Duarte da Silva Dias
Francisco Castanheira Pinto
Alberto Manuel P. Salgado
André Gonçalo Vaz
António João Alves Trovisco
António Nuno Baptista Morais
Clementina Gemelgo Gonçalves
Edgar M Rodrigues Fragoso
Maria José Moreno
Halestino Ernesto G. Pimentel

Mesa da Assembleia de Secção
António Santos Pires
António Joaquim Correia

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE MIRANDA DO DOURO

Marisa Cristina T. Ortega
António N. Marcos Rodrigues
António Jorge J. Lourenço
Silvino Francisco P. Silva
Bruno Miguel Carvalho Vasco
Ivete Maria Martins
Francisco Carvalho Parreira

Mesa da Assembleia de Secção
Manuel Rodrigo Martins
Nuno Vara Mouro

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE MIRANDELA

Manuel Rodrigues
António Figueiredo
Paulo Jorge Sousa
Acácio Augusto Gonçalves
Arménio Adérito Vaz
Bernardino Manuel Pereira
Humberto António Cordeiro
Maria E. F. F. Neiva Rosa
Paulo Manuel Pinto
Pedro Miguel Gomes Alves
Vitor José Esteves Vogal
José Tiago Pinheiro

Mesa da Assembleia de Secção
António Almor Branco
Dinis Humberto Veiga

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE MOGADOURO

António Joaquim Pimentel
António Acácio G. B. Cordeiro
David Manuel Ginjo Cordeiro
Armando Augusto Cordeiro
José Francisco Branco
Nuno Álvares Xavier Trindade
Paulo Miguel de Sá Vilariça
Francisco Mateus
Amílcar André Machado
Mário Afonso Pina
José dos Santos Carrasco
Carlos Eduardo Faia Barranco
António Norberto Vilariça

Mesa da Assembleia de Secção
Ilídio Granjo Vaz
José Luís Cordeiro

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE TORRE DE MONCORVO

Orlando Manuel Paçó
José Carlos de Sá Meneses
Amadeu Martins Teixeira
Tiago Pinto
Bernardino Aníbal Corvo
Vera Lúcia M. T. Vilares
Mauro Gabriel
Alexandre H. F. Gonçalves
Ana Lucinda S. O. Romualdo
Mauro Sérgio Nunes Pinto
Osvaldo Abel Ferreira
Maria do Amparo Vinagre

Mesa da Assembleia de Secção
José Mário Leite
Ana Luísa Leonardo

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE VILA FLOR

Tiago Martins Bessa
Pedro Lima
Luís Manuel P Policarpo
Carlos Barbeiro
Artur Pires
Geraldo Lino Fraga
Estevão Miguel Gomes Nicolau
Francisco Alberto Fernandes
Albérico Mouta Vogal
Francisco José Figueiredo
Nuno André F. F. A. Morais
André Marcelino Ferreira

Mesa da Assembleia de Secção
Carla Maria Silva Leite
Pedro Alexandre Santos

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE VIMIOSO

Licínio Ramos Martins
Serafim dos Santos F. João
Manuel Fernandes Oliveira
Manuel Pascoal Lopes Padrão
João Paulo Ferreira Preto
Paulo Braz
Paula Vicente
Rui Manuel Pires Fernandes

Ana Sofia Rito
Lucas Brinço Vogal
Fernando Gonçalves
Vital Manuel Fernandes Pires

Mesa da Assembleia de Secção
Francisco Duarte Moura
Cristina Miguel Rodrigues

COMISSÃO POLÍTICA DE SECÇÃO DE VINHAIS

Carlos Abel Almendra Vieira
Ana Olinda dos Santos
António Miguel Borges Silva
Dora Maria Barroso de Sá
Clemente Valdemar Macia
Manuel G. Afonso Lousada
Rui F. Garcia Lourenço
Ricardo P. Barreira Afonso
José Manuel Sarmento Santos
Carlos Domingos M. Pires
Pedro Padrão
Pedro Nuno Aboim Pinto

Mesa da Assembleia de Secção
José Manuel Afonso
Maria Emília Xavier Reis

MILITANTES INSCRITOS NO PPD EM 1974 E 1975

Militantes inscritos no PPD em 1974 (1)

Distrito de Bragança

Álvaro Pereira
Álvaro das Neves
António Marcelino de Castro
António Reis
Chico Santos
Domingues Pires
Eleutério Manuel Alves
Fernando Waldemar Correia
Francisco António Alves
Francisco Xavier Machado Miranda
Georgina das Neves Fernandes Madureira
Jaime Sousa
Júlio da Costa Carvalho
Júlio Vinhas
Manuel Alves
Manuel Reis
Maria Albertina Barbosa Maçaira Lopes Fundo
Maria Isilda Marta
Maria José de Castro Felgueiras Alves
Marieta Noémia de Sá Pereira Barbosa
Pires de Carvalho
Raul José Lopes
Valdemar José Barreira
António Joaquim Ferreira
José Maria Sá Morais Castro
Alfredo António Ribeiro
António Maria Venâncio Salomé
Eduardo Augusto Rodrigues
Manuel Joaquim Ribeiro
Norberto António Miguel
Alfredo Travessa Ramalho
Irene Carvalho Vieira Rebelo
Maria Clara Figueiredo Pires Fais Almeida Morais

Militantes inscritos no PPD em 1975 (1)

José Alberto Moutinho Moreno
Manuel Carlos Fernandes
Manuel Augusto Veríssimo
Casimiro Augusto Pires
Fernando Augusto Carabineiro
Jorge Henrique Rodrigues Salsas
Maria Beatriz Diogo
Francisco Manuel dos Reis
Alfredo Augusto Vaz Mesquita
Francisco Manuel Afonso Vaz
José Fernandes de Oliveira
Firmino Augusto Lourenço

Homenagem à militância no PPD/PSD há mais de 35 anos

ALFÂNDEGA DA FÉ

- Armando Augusto Almeida
- António dos Santos Rodrigues
- António Vitor Bebiano
- Carlos Manuel Soeiro
- Francisco Inácio Teixeira
- José Joaquim Almendra
- José dos Santos Januário
- Manuel Pires Constancio
- Mário da Conceição Jacinto

BRAGANÇA

- Adérito Lhano
- Adérito Trigo
- Adriano Augusto Ferreira

(1) O número de Militantes em 1974 e 1975 era muito superior ao constante desta lista fornecida pelo Partido.

- Aniceto Augusto Gonçalves
- António Carlos Mós Gonçalves
- António Pisco
- Artur Pires
- Domingues Pires
- Eleutério Alves
- Fernanda Gonçalves
- Fernando António Mós Gonçalves
- Geogina das Neves Ferandes Madureira
- Jaime Sousa
- José Alberto Moutinho Moreno
- José de Carvalho Saavedra
- Júlio Carvalho
- Manuel Reis
- Marcelino de Castro
- Marieta Noémia Barbosa
- Pires de Carvalho
- Raul José Lopes
- Telmo Moreno
- Valdemar Correia

CARRAZEDA DE ANSIÃES
- Aníbal Tito Reis
- António Luís Quinteiro
- António Maria Magalhães
- Fernanda Paulo Ferreira
- Jorge Barros Teixeira
- Maria Gabriela Gonçalves

FREIXO DE ESPADA-À-CINTA
- António Garcia
- Armando da Assunção
- Maurício Sapage
- Pompílio Oliveira

MACEDO DE CAVALEIROS

- António Manuel Batista
- António Santos Morais
- António da Silva Lameiras
- Benjamim Augusto Brás
- Candida Luisa Brás
- Eduardo José Vaz
- José Augusto Fernandes
- José Alberto G. Rocha
- Luís Augusto P. Monteiro
- Quintino Santos Fragoso.

MIRANDA DO DOURO

- Abílio Maria Paulo
- António Grande
- Belmiro Gonçalves
- Fernando Palhau
- Francisco Rodrigues
- José Alonso Granjo
- José Augusto Afonso
- Manuel Trigo
- Mário Corredoura
- Teodoro Augusto Fernandes

MIRANDELA

- Acácio Gonçalves
- Albérico Lopes
- Amândio Pires
- Dinis Veiga
- Francisco Manuel Reis
- João Campos
- Luís Dias Liberal
- Manuel João Araújo
- Manuel Pereira
- Marcelo Lago

MOGADOURO

- António Joaquim Lopes
- António Joaquim Pimentel
- Casimiro Santos Andrade
- Manuel Aquiles Parra
- Manuel João Pimentel
- Rogério Manuel Venâncio

TORRE DE MONCORVO

- Amândio Nascimento Cardoso
- António Adelino Martins
- António José Salgado
- António Júlio Miranda
- Augusto José Durão
- João Francisco Paçó
- João Lopes Leonardo
- José Carolino Neves
- José Manuel Gonçalves
- Manuel José Teixeira
- Norberto António Miguel

VILA FLOR

- Alfredo Travessa Ramalho
- Francisco Silva

VIMIOSO

- António Amador Rodrigues
- João Baptista Castanho
- José Fernandes Oliveira
- José Manuel Miranda
- Maria do Céu Vara
- Ramiro Torrão Correia
- Serafim Santos João
- Serafim Santos Rosário

VINHAIS

- António Alberto Rodrigues
- António Jesus Gonçalves
- António Manuel Rodrigues
- Firmino Augusto Lourenço
- José Augusto Pinheiro
- José Barreiras Lopes
- Manuela Machado Rodrigues
- Viriato Emílio
- Virgílio Orlando do Vale